



HISTÓRIA, MULHERES E MUNDO DO TRABALHO: CIDADANIA E DEMOCRACIA SE APRENDEM NA ESCOLA

Mônica Xavier de Medeiros¹

RESUMO

O subprojeto de História do PIBID/UEA do Centro de Estudos Superiores de Parintins desenvolve o tema “História, Trabalho e Gênero: o ensino de História e a formação para a Democracia e os Direitos Humanos”, destacando a importância dos debates sobre os direitos das mulheres no mundo do trabalho e no ensino de História para a formação cidadã. O projeto possibilita aos pibidianos, aos professores supervisores e aos alunos das escolas parceiras refletirem sobre como as mulheres viveram as diferentes formas históricas de trabalho, desde a escravidão antiga até o trabalho análogo à escravidão na contemporaneidade, analisando também transformações recentes no Brasil à luz da legislação trabalhista. Além disso, problematiza as vivências locais, como as de trabalhadoras do Festival Folclórico de Parintins, ambulantes, pescadoras e servidoras terceirizadas das escolas parceiras. A dimensão de gênero é central, ao enfatizar desigualdades salariais e de oportunidades entre homens e mulheres, bem como a invisibilidade histórica do trabalho doméstico. Ao realizar as oficinas propostas pelo subprojeto, observamos que cada escola apresenta respostas distintas às atividades, evidenciando a influência da cultura escolar e das trajetórias formativas dos professores supervisores na recepção do projeto. Essa diversidade enriquece o processo formativo, permitindo aos licenciandos compreenderem diferentes contextos e práticas de ensino. Assim, o subprojeto contribui para qualificar a formação inicial docente e reafirma o compromisso do ensino de História com a democracia, os direitos humanos e a superação das desigualdades sociais.

Palavras-chave: Parintins/AM, Direito das mulheres, Ensino de História, Mundo do Trabalho, Cidadania.

INTRODUÇÃO

O Subprojeto de História do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvido em Parintins pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA), tem como objetivos qualificar a formação inicial docente e fortalecer o ensino público na Amazônia. Iniciado em novembro de 2024, o subprojeto tem como temática “História, Trabalho e Gênero: o ensino de História e a formação para a Democracia e os Direitos Humanos”.

¹ Professora do curso de Licenciatura em História do Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas – CESP/UEA. Pós-Doutora em História Social pela Universidade Federal do Amazonas/UFAM. mxmdedeiros@uea.edu.br





No município de Parintins, o subprojeto desenvolve suas ações em três escolas públicas estaduais: Dom Gino Malvestio, Tomaszinho Meirelles e Senador Álvaro Maia, que atuam como espaços de observação, intervenção pedagógica e pesquisa sobre o ensino de História. Nessas instituições, os licenciandos vivenciam o cotidiano escolar e participam do planejamento e execução de práticas educativas orientadas para o desenvolvimento da consciência histórica, da reflexão crítica e da valorização dos direitos humanos como fundamentos da cidadania.

O subprojeto do PIBID em História busca promover a integração entre a universidade e a Educação Básica, articulando teoria e prática na formação docente, e incentivando o desenvolvimento de metodologias de ensino que problematizem as relações entre trabalho, história das mulheres e democracia. O subprojeto tem como escopo contribuir para a consolidação de uma prática docente comprometida com a transformação social e com a construção de uma educação pública de qualidade no Amazonas.

O subprojeto “*História, Trabalho e Gênero: o ensino de História e a formação para a Democracia e os Direitos Humanos*” articula um conjunto de discussões contemporâneas sobre o ensino de História, as relações de gênero e as transformações no mundo do trabalho. Tais debates problematizam a função social da escola e do ensino de história na formação de sujeitos críticos e conscientes das desigualdades que estruturam a sociedade.

O conceito de gênero é fundamental para a execução das atividades do projeto, pois evidencia as relações de poder que atravessam a vida social e a divisão sexual do trabalho. Dialogando com Joan Scott (1995), Guacira Louro (1997), Federici (2017; 2019), Biroli (2018) e Bhattacharya (2023), as atividades do PIBID desenvolvidas nas escolas parceiras buscam desconstruir os estereótipos, as hierarquias entre homens e mulheres e a invisibilidade do trabalho de cuidados.

Zarbato (2015) defende que o ensino de História deve promover o reconhecimento das diferenças e da alteridade como princípios formativos, contribuindo para uma educação voltada à diversidade e à equidade de gênero. Nesse sentido, o trabalho pedagógico com diferentes fontes, linguagens e narrativas históricas constitui um meio de questionar as naturalizações do social e fortalecer a formação democrática dos estudantes.

Já Silveira, Silva e Ferrari (2021) propõe uma articulação entre o feminismo e a didática da História, evidenciando a necessidade de práticas pedagógicas que revelem as experiências das mulheres e as relações de poder. O feminismo, ao se colocar como epistemologia crítica, amplia o campo de análise do ensino de História e o aproxima das questões do Mundo do trabalho, da reprodução social e das desigualdades econômicas e





culturais que estruturam o capitalismo contemporâneo. Essa abordagem permite repensar a escola como espaço de resistência e transformação, onde o estudo da História das Mulheres e das relações de gênero pode contribuir para a formação de sujeitos comprometidos com a democracia e os direitos humanos.

A articulação entre trabalho e gênero constitui, portanto, um eixo estruturante deste subprojeto de História do PIBID. A partir da Teoria da Reprodução Social, entende-se que o mundo do trabalho é um campo privilegiado para compreender as dinâmicas de dominação e exclusão que atravessam as relações de gênero. A divisão sexual do trabalho, historicamente naturalizada, é expressão das desigualdades sociais e culturais que relegaram às mulheres funções associadas ao cuidado, à reprodução e à informalidade. Nesse sentido, refletir sobre o trabalho sob a ótica do gênero implica desvelar as formas como o capitalismo contemporâneo se apropria das diferenças sexuais, étnico-raciais e de classe para reproduzir hierarquias e desigualdades.

METODOLOGIA

As metodologias ativas de aprendizagem configuram-se como estratégias pedagógicas centradas na participação efetiva do estudante no processo de construção do conhecimento. No contexto do PIBID, tais metodologias assumem especial relevância por articularem teoria e prática, favorecendo a autonomia intelectual e a reflexão crítica dos licenciandos e dos alunos da educação básica. A sala de aula invertida, por exemplo, propõe a inversão da lógica tradicional do ensino: os conteúdos são estudados previamente pelos alunos — por meio de vídeos e textos— e o espaço da aula presencial é destinado à discussão, à problematização e à aplicação dos conhecimentos. Essa abordagem estimula a responsabilidade do estudante sobre sua própria aprendizagem e permite que o licenciando, enquanto futuro docente, desenvolva práticas que priorizem o diálogo, a investigação e a mediação entre os conhecimentos que estão sendo compartilhados.

Outra metodologia de destaque é o trabalho com projetos. No âmbito do subprojeto de História, essa abordagem possibilita que temas como *trabalho, gênero, democracia e direitos humanos* sejam explorados a partir de problemas reais vivenciados pelos estudantes e pelas comunidades escolares. O desenvolvimento de projetos permite ao licenciando exercitar a pesquisa como princípio educativo, articulando saberes históricos, sociais e culturais com a realidade local. Além disso, promove o protagonismo dos alunos da educação básica, que se



tornam sujeitos ativos no processo investigativo e na produção de conhecimentos sobre seu próprio território e suas experiências.

Entre as atividades desenvolvidas, destaco duas experiências muito gratificantes, que expressaram na realidade local das escolas parceiras como estas desenvolveram o projeto do PIBID/História. Na Escola Estadual Senador Álvaro Maia, a professora Adriana de Souza Pires elaborou o projeto “Protagonismo feminino e Mundo Trabalho na cidade de Parintins”, que tinha como objetivo geral compreender a história de luta das mulheres na conquista de direitos e a sua inserção no mercado de trabalho na cidade de Parintins. Durante a execução do projeto, os licenciandos acompanharam e orientaram a realização de três entrevistas por parte dos estudantes da Educação Básica. As entrevistas foram realizadas com mulheres que se destacam atualmente em profissões que durante muitos anos foram associadas somente aos homens.



Imagem 1: Socialização do Projeto. Professora Supervisora Adriana de Souza Pires e Pibidianos na Escola Estadual Senador Álvaro Maia





Imagem 2: Entrevista realizada por estudantes e pibidianos com a vereadora Márcia Baranda durante a execução do Projeto Protagonismo Feminino e Mundo Trabalho na cidade de Parintins.

No desenvolvimento do projeto na Escola Estadual Senador Álvaro Maia, os estudantes do 8º e 9º ano foram convidados a trabalhar com a metodologia da sala de aula invertida. Assim, através de pesquisas realizadas em casa a partir de indicações de leitura e vídeos sobre a temática que foram sugeridos pela professora supervisora e pelos pibidianos, os estudantes fizeram o debate do que haviam aprendido em sala de aula, sistematizando as discussões. Elaborou-se, então, um roteiro de perguntas às mulheres que se destacam em profissões antes consideradas masculinas como políticas (no caso, a vereadora), uma pescadora (que também já trabalhou como pedreira) e uma trabalhadora do galpão do Boi Bumba Caprichoso. No final do semestre, houve a socialização das aprendizagens com apresentação para a comunidade escolar de peças teatrais, podcasts e a produção de um vídeo com as entrevistas.

Na Escola Estadual Tomaszinho Meirelles, foi utilizada outra estratégia de metodologia ativa: o júri simulado. O conteúdo que estava sendo trabalhado pelo professor supervisor Gilciandro Prestes de Andrade era sobre a Revolução Francesa. Como o projeto do PIBID convida a olhar a história a partir das questões de gênero, houve a problematização da famosa Declaração de Direitos do Homem e do Cidadão, denunciada por uma mulher à época: Olympe de Gouges, que escreveu a Declaração de Direitos das Mulheres e das Cidades. Segundo Garcia (2011):

Com sua Declaração Olympe denunciava que a Revolução havia negado direitos políticos a elas [às mulheres], e que, portanto, os revolucionários mentiam quando falavam em princípios universais como liberdade e igualdade, mas não toleravam mulheres livres e iguais. (...) Viúva, ainda jovem, se referia ao casamento como túmulo do amor e da confiança. Foi uma apaixonada defensora do divórcio e da união livre (...). Inteligente,





indomável, bela e apaixonada pela defesa dos assuntos mais engajados: desde a prisão por dívidas, até a escravidão dos negros passando pelos direitos femininos (divórcio, maternidade, a massiva entrada forçada de mulheres na vida religiosa) nada fica de fora de seus interesses (GARCIA, 2011, p. 43-44).

Devido às críticas feitas aos rumos da Revolução Francesa, Olympe de Gouges foi condenada à morte pelo crime de *traição de gênero* no tribunal formado pelos revolucionários. É importante demarcar aqui, a fundamental participação das mulheres na Revolução Francesa, que estavam organizadas em clubes e que participaram de todas as suas fases (inclusive da luta armada), apesar de não terem conseguido lograr suas demandas pelo direito à participação política.

O supervisor da Escola Estadual Tomaszinho Meirelles, os pibidianos e os estudantes organizaram um júri simulado no qual reproduziram o julgamento de Olympe de Gouges. Protagonizaram as funções de juiz, advogados de defesa e acusação, testemunhas, membros do júri, a acusada e a plateia. As discussões desse júri simulado, embora problematizassem a participação das mulheres na Revolução Francesa, foram atravessadas pelas lutas e conquistas das mulheres na contemporaneidade e, assim, 230 anos depois, no julgamento encenado pelos estudantes, Olympe de Gouges foi, finalmente, absolvida pela história.

A metodologia do júri simulado é muito profícua na história, pois todos os alunos envolvidos precisam estudar não somente o tema que está sendo debatido, no caso específico, a participação das mulheres na Revolução Francesa, mas precisam fazê-lo de acordo com um ponto de vista (seja da própria acusada, dos advogados da defesa ou acusação), enfim, precisam entender que as disputas estão ambientadas em determinada época e que mulheres e homens se organizaram a partir de interesses específicos (gênero, raça, classe) na defesa dessas ideias.





Imagem 03: Juri Simulado do Julgamento de Olympe de Gouges. Escola Estadual Tomaszinho Meirelles. No canto, à direita, o professor supervisor Gilciandro Prestes de Andrade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ensino de História em sala de aula exige múltiplos cuidados e um dos mais relevantes é a atenção às questões de gênero. Durante muito tempo, a História foi narrada por homens e sobre homens, relegando as mulheres ao silêncio. Negar-lhes visibilidade é, portanto, repetir esse apagamento histórico. A epistemologia feminista, contudo, tem avançado ao reconhecer e valorizar as diversas experiências de ser mulher, considerando dimensões como o trabalho, a maternidade, a classe, a raça e a etnia.

O subprojeto de História do PIBID da UEA em Parintins tem contribuído para desconstruir essa História marcada pela invisibilidade de gênero. O programa evidencia não apenas a presença das mulheres na História, mas também suas especificidades, ao articular as discussões de gênero com as de classe social e com o mundo do trabalho. Além disso, ao se debruçar sobre a trajetória de trabalhadoras da própria localidade — como nas experiências realizadas na Escola Senador Álvaro Maia e, mais recentemente, na Escola Estadual Dom Gino Malvestio², o PIBID promove a valorização da História Local e estimula uma compreensão crítica: todos — mulheres, homens, jovens e crianças — somos sujeitos da História e, justamente por isso, temos o poder de transformar a realidade que construímos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

² Neste segundo semestre de 2025, a Escola Estadual Dom Gino Malvestio está desenvolvendo o projeto “Mulheres na Política: Avanços, Desafios e Representatividade no Brasil”.





O subprojeto de História do PIBID/UEA em Parintins tem se mostrado uma experiência formativa relevante tanto para os licenciandos quanto para os professores supervisores e os alunos da Educação Básica. Ao articular os temas “História, Trabalho e Gênero”, o projeto reafirma o compromisso do ensino de História com a formação cidadã, a valorização dos direitos humanos e a construção de uma educação democrática e crítica. As atividades desenvolvidas demonstraram que o estudo da História das Mulheres torna-se um instrumento potente para a compreensão das desigualdades estruturais e para o fortalecimento da consciência histórica dos estudantes.

As experiências realizadas nas escolas parceiras evidenciaram a importância das metodologias ativas, como o trabalho com projetos, a sala de aula invertida e o júri simulado. Tais práticas favoreceram o protagonismo discente e estimularam o pensamento crítico sobre a História das Mulheres e o Mundo do Trabalho. Nesse sentido, o PIBID/História/Parintins reafirma o papel tanto da universidade, quanto das escolas como espaços de produção de conhecimento e de transformação social.

REFERÊNCIAS

BHATTACHARYA, Tithi (org.). **Teoria da Reprodução Social**: Remapear a Classe, recentralizar a opressão. São Paulo: Elefante, 2023.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades**: limites da democracia no Brasil. São Paulo: Editora Boitempo, 2018.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. Rio de Janeiro: Editora Elefante, 2017.

FEDERICI, Silvia. **O ponto zero da revolução**: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista. São Paulo: Elefante, 2019.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo**. São Paulo: Claridade, 2011. (Saber de tudo),

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVEIRA, Samara Souza; SILVA, Bianca Marlene da; FERRARI, Anderson. Por um ensino de história feminista. **Revista Educação em Foco**. Universidade Federal de Juiz de Fora. vol. 26, 2021 – Especial.

ZARBATO, Jaqueline Aparecida Martins. As estratégias do uso do Gênero no ensino de História: narrativa histórica e formação de professoras. **Revista Trilhas da História**. Três Lagoas, v.4, nº8 jan-jun, 2015. p.49-65.

